



RESENHA

ORTIZ-PREUSS, Elena; COUTO, Elza K. N. N.; RAMOS, Rui M. N. L. (orgs.) *Múltiplos olhares em Linguística e Linguística Aplicada*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

Davi Borges de Albuquerque (NELIM)

Nas últimas décadas, a Linguística superespecializou-se, fragmentando-se em diversas subáreas, com suas respectivas teorias, metodologias e recortes. Essa especialização em demasia, por um lado vem proporcionando um conhecimento ‘microscópico’ do fenômeno da linguagem, explicando muito a respeito da complexidade da linguagem humana. Por outro lado, vem causando um isolamento científico que, entre as principais consequências, estão as seguintes: grande parte dos avanços científicos ficam ‘trancados’ dentro dos muros das universidades, não possuindo aplicação ou validade para a comunidade; o diálogo interdisciplinar fica reduzido, tanto que os estudos das interfaces linguísticas vêm sendo alvo de interesse dos linguistas.

Diante desse cenário, as duas principais subáreas da linguística de acordo com a necessidade de pesquisa e contribuições científicas são a linguística descritiva e a linguística aplicada. A primeira por sua clara importância documental e analítica das línguas do mundo. A segunda por suas contribuições significativas no campo educacional, que procuram criar uma ponte entre teoria e prática, entre universidade e comunidade.

A ecolinguística, uma disciplina jovem, não foi citada como a terceira em importância pelo fato de ainda estar amadurecendo, passando por refinamentos teórico-metodológicos e necessitando ser aplicada a um número maior de situações, bem como ter um número maior de pesquisas, para tornar-se válida quantitativamente. No entanto, sua validade qualitativa já está mais que comprovada, já que ela visa a superar as limitações e os

problemas pelos quais a linguística atual vem passando, por meio de um arcabouço teórico-filosófico mais eficaz e de acordo com nossa realidade, seguindo a ciência de sistemas complexos (BASTARDAS I BOADA, 2013b, 2013c, 2014a), a organização em redes ou fractais (COUTO, 2015; HALLIDAY, 2001; PEDERSEN & STEFFENSEN, 2014), trabalhando com a multidisciplinaridade (ALBUQUERQUE & SCHMALTZ NETO, 2016; BASTARDAS I BOADA, 2013a, 2014a; COUTO, 2013), entre outros aspectos. Da mesma maneira, isso acaba também por trazer à tona uma nova metodologia, chamada de multimetodologia ou ecometodologia (ALBUQUERQUE, 2015; COUTO, 2013), bem como possibilita um diálogo (e até uma unificação em um futuro próximo, quem sabe?) entre as diferentes subáreas da linguística da linguística e com as demais ciências e áreas do saber.

A obra aqui resenhada *Múltiplos olhares em Linguística e Linguística Aplicada* acaba por contemplar diversas subáreas da linguística, indo da linguística aplicada, passando pela análise do discurso até a jovem ecolinguística, daí sua importância. Um segundo motivo que pode ser apontado para a importância deste livro é que se trata de uma obra que procura “dar uma visão geral das pesquisas desenvolvidas por docentes, colaboradores e parceiros do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras” (p. 10) da Universidade Federal de Goiás (UFG), fornecendo ao leitor resultados e rumos das pesquisas linguísticas mais atuais da instituição mencionada e de seus parceiros. Além disso, vale mencionar que seus organizadores são duas professoras da UFG, Elena Ortiz-Preuss e Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, sendo a primeira atuante na área de linguística aplicada e psicolinguística e a segunda pesquisadora nas áreas de análise do discurso e ecolinguística; terceiro organizador é Rui Manuel do Nascimento Lima Ramos, professor e pesquisador da Universidade do Minho, em Braga, Portugal, onde atua na área de análise do discurso, letramento e ecolinguística. O terceiro motivo é a utilidade do livro para os pesquisadores ou interessados na ecolinguística, já que há dois capítulos que se destacam e a que será dada maior atenção nesta resenha, a saber os capítulos “Interdiscurso ambiental no discurso político contemporâneo em Portugal”, de Rui Manuel do Nascimento Lima Ramos, e “A dialetologia e a sociolinguística como precursoras da ecolinguística”, de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto e Hildo Honório do Couto.

Após a “Apresentação” dos organizadores, em que são elencados os capítulos presentes no livro e a justificativa para sua publicação, encontra-se o primeiro texto “O abismo das

reformas curriculares: língua, sujeito e ensino”, de Cristina Batista de Araújo (UFMT) e Alexandre Ferreira da Costa (UFG). Nele, os autores procuram aplicar as categorias da análise crítica do discurso (ACD) ao currículo escolar e ao espaço da sala de aula de língua portuguesa, principalmente questões como sujeito discursivo, heterogeneidade discursiva, alteridade e negociações de sentido. A linha teórico-metodológica é a de Foucault, com alguns aportes de Pêcheux e Bakhtin. A análise conduzida se concentra mais em elementos não linguísticos relativos ao tema, preocupando-se com cidadania, poder disciplinar, conhecimento de si e cuidado de si. Por esse motivo, o capítulo acaba por adentrar temas mais filosóficos que linguísticos e, assim, não consegue trazer ao leitor uma conclusão, uma solução par o problema, nem uma consideração final convincente, pois acaba por deixar todo o problema inconcluso e ainda em aberto para não fugir ainda mais do escopo da linguística.

O segundo capítulo da coletânea é “Ensino do português hoje: Brasil e Portugal, distâncias e confluências”, de Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago (UFG) e Isabel Duarte (Universidade do Porto, Portugal). O objetivo do texto, segundo as autoras, é explorar “o lugar da Linguística na formação de professores de Português” (p. 29) em Portugal e no Brasil para “apontar diferenças e especificidades, mas também pontos de encontro e confluência” (p. 29). Para tanto, as autoras separam um breve histórico dos cursos de Letras, bem como da inserção da linguística neles em cada país, enfatizando os principais acontecimentos na segunda metade do século XX que foram decisivos na formação da situação atual de ambos os países. O traço em comum tanto em Portugal, como no Brasil, encontrado e analisado nas práticas pedagógicas do ensino de língua portuguesa foi a artificialidade. Uma diferença fundamental que, no entanto, não é explorada no texto, é a melhoria e avanços que o ensino de português vem conseguindo, em contraste com o brasileiro, que a cada ano e a cada avaliação internacional só vem obtendo os últimos lugares. Ademais, no caso do Brasil, as reformas curriculares, que visavam melhorar, serviram para atrapalhar ainda mais. Sobre isso, as autoras discutem o caso específico dos gêneros discursivos e as noções de Bakhtin inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Como conclusão, é apontada a importância de se aprender com o exemplo de Portugal, já que temos a mesma língua materna, a fim de não repetirmos os mesmos erros.

O terceiro capítulo é de grande interesse para o público de ecolinguistas e simpatizantes (da mesma maneira que o capítulo seguinte). Ele se intitula “Interdiscurso ambiental no

discurso político contemporâneo em Portugal”, de Rui Manuel do Nascimento Lima Ramos (Universidade do Minho, Portugal). O autor, um dos organizadores, faz uma análise do discurso ecológico dos diversos partidos políticos portugueses representados no Parlamento Português, durante as eleições de 2002, 2005 e 2009. O *corpus* de análise consiste nos programas eleitorais desses partidos, conforme pode ser lido na página 57. No que se refere ao método de análise, segundo as palavras do autor, “recorreu-se aos conceitos de repertório interpretativo e de *frame* ou quadro conceptual”¹. Dando continuidade, o autor acaba por esmiuçar os conceitos de ‘repertório interpretativo’ e de *frames*, e da pertinência destes para sua pesquisa. Sobre o primeiro, o seguinte é explicado (p. 58):

(...) o conceito de repertório interpretativo se associa à conceção do discurso como veículo através do qual o sujeito e o mundo se articulam (TUOMINEM; SAVOLAINEN, 2002). Este entendimento afasta-se de uma conceção da linguagem e das línguas como instrumentos exteriores ao sujeito falante, vistos como simples produtos e práticas de rotulagem de uma realidade independente e ontologicamente anterior ao homem e à sua percepção/ elaboração do real. Evoca o poder que a linguagem encerra de modelar a consciência dos falantes e de fornecer a cada indivíduo a teoria que suporta a sua interpretação do mundo e os quadros de “normalidade”. Portanto, em princípio, em termos analíticos, será possível reconstruir a visão do mundo dos decisores políticos portugueses a partir dos repertórios verbais respetivos fixados nos manifestos.

Já em relação ao segundo, o autor afirma que (p. 58):

A noção de *frame* é explicada por Fillmore como sendo um “*certain schemata or frameworks of concepts or terms which link together as a system, which impose structure or coherence on some aspects of human experience and which may contain elements which are simultaneously parts of other such frameworks*”² (1975, p. 123). Desta forma, o *frame* está associado a quadros prototípicos previstos pelo senso comum, determinados dentro dos limites de cada cultura (OIM; SALUVEER, 1985).

A seguir, o autor conduz sua análise, observando como a noção de ecologia, a relação ecologia e economia, a lógica discursiva do ambientalismo e o desenvolvimento sustentável se apresentam nos diferentes discursos. Por meio da análise conduzida, o linguista português alcança algumas conclusões interessantes e devidamente comprovadas. A primeira delas é que o ‘ambientalismo’ está presente em todos os

¹ As citações deste capítulo aqui utilizadas seguem a ortografia do autor, que escreve em português europeu.

² “Conjunto de esquemas ou quadros de conceitos ou termos que são ligados entre si como um sistema, o qual impõe uma estrutura ou coerência em alguns aspectos da experiência humana, os quais, por sua vez, podem conter elementos que são simultaneamente parte de outros quadros de conceitos”.

discursos políticos, porém de formas distintas. Outra conclusão é que os partidos políticos produzem um discurso ambientalista distinto entre eles, de acordo com suas respectivas orientações ideológicas (p. 70-71):

(...) os que se situam mais à esquerda utilizam o ambientalismo como discurso empenhado ou “engajado” e panfletário, sob o escopo de um posicionamento político e ideológico; apresentam-se como forças políticas do contrapoder e o ambiente é um dos seus instrumentos de luta.

Os partidos políticos do centro (e do poder) preferem um discurso onde o ambiente se submete a uma lógica legislativa e organizacional, eventualmente como estratégia de embelezamento do discurso e de resposta a demandas sociais, um discurso politicamente correto (uma forma de higiene verbal) (...) (...) o partido que se posiciona à direita é claro na sua concepção de usufruto da natureza, configurada como recurso ao serviço do homem para uma exploração mais ou menos equilibrada. Ainda que defenda explícita e insistentemente o desenvolvimento sustentável, o discurso eleitoral deste partido, mais do que os restantes, submete a ecologia aos interesses da economia, reduzindo a natureza ao potencial valor económico que pode proporcionar.

A terceira conclusão é que a “fórmula ‘desenvolvimento sustentável’ (...) sofreu um deslizamento semântico e modificou parcialmente o seu sentido original”, indicando mais uma “estratégia retórica e económica” (p. 71). Finalmente, a última conclusão é que ainda não é possível determinar “se a presença do interdiscurso resulta de uma mudança de mentalidades e de formas de agir, ou se se limita a constituir um véu diáfano e pouco consequente” (p. 72) com o objetivo de manipular o público eleitor. Neste capítulo, o autor pratica a análise discursiva de um tema ecológico, o que aproxima este trabalho do que é chamado de ecolinguística crítica, especificamente análise ecocrítica do discurso, consistindo na aplicação de teorias e métodos da análise do discurso ao discurso ecológico, o que, conforme foi apontado, produz uma série de resultados originais e importantes para a compreensão de como as pessoas pensam e produzem discursos sobre o meio ambiente e áreas afins. Vale a pena enfatizar somente que no âmbito da linguística ecossistêmica existe a análise do discurso ecológica (COUTO & ALBUQUERQUE, 2015), que vai muito além, não se limitando apenas a temas ecológicos, nem a teorias ou metodologias específicas, apresentando um caráter multidisciplinar.

No capítulo “A dialetologia e a sociolinguística como precursoras da ecolinguística”, de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG) e Hildo Honório do Couto (UnB), dedicado inteiramente à ecolinguística, os autores traçam um histórico das três disciplinas mencionadas no título, a saber, ou seja, dialetologia, sociolinguística e ecolinguística, salientando o desenvolvimento e a ampliação dos limites dos estudos linguísticos,

principalmente no que diz respeito à concepção de língua e a relação entre a língua e os demais aspectos da realidade. O breve histórico da linguística, recortado no capítulo pelos autores, encara a história dessas disciplinas, ou subáreas, como uma série de conquistas que foram cada vez mais refinando a pesquisa linguística e preparando o terreno para o surgimento e, posterior, desenvolvimento da ecolinguística. Antes de analisarem especificamente a dialetologia e a sociolinguística, os autores apontam alguns traços históricos da gramática comparada e como ela foi também uma precursora da ecolinguística, já que levava em conta a diversidade linguística. O maior problema desta subárea da linguística “foi ter partido do espécime (organismo), e não da espécie” (p. 79). No entanto, isso começou a se modificar com a dialetologia, que passou a não encarar a língua desta maneira e os estudiosos dela “começaram a associar língua (no caso, dialeto) à sociedade que a(o) fala. Implicitamente passaram a associar língua (L) a povo (P) e território (T), como se diz em ecolinguística, mais especificamente na linguística ecossistêmica” (p. 81). Mais recente surgiu a sociolinguística. “Por volta da década de sessenta do século passado surgiu uma outra disciplina voltada para o estudo da língua em relação ao contexto em que é usada (...)” (p. 84). Ela trouxe uma nova visão para os estudos linguísticos e, de certa forma, preocupou-se com elementos que viriam a ser da linguística ecossistêmica, ou seja, língua (L), povo (P) e território (T). Dando continuidade ao texto, os autores falam a respeito da Ecolinguística, definindo-a como o (p. 87):

(...) estudo das relações entre língua e meio ambiente, entendendo-se por meio ambiente da língua o entorno de seus falantes. Isso porque, para ela, língua (L) só existe se há um povo (P) convivendo em determinado lugar, seu território (T). A tríade P, L e T forma o ecossistema linguístico, que é o seu conceito central, exatamente como o ecossistema biológico é o conceito central da ecologia biológica. Na variante da ecolinguística chamada de linguística ecossistêmica (COUTO, 2013a; COUTO, 2012), há um ecossistema inicial chamado de ecossistema integral da língua, anteriormente chamado de ecossistema fundamental da língua, no seio do qual a língua se relaciona ao respectivo meio ambiente integral da língua, ex-meio ambiente fundamental da língua.

Da mesma maneira, é enfatizada a importância do conceito de ‘ecossistema’ e como este é estudado dentro da linguística ecossistêmica, por meio de suas relações (p. 88-89):

O ecossistema é encarado como um todo, donde o holismo da visão ecológica de mundo. No interior do todo do ecossistema a diversidade no componente biótico e no abiótico é de fundamental importância para sua vitalidade. Como o ecossistema é dinâmico, está sempre em evolução, seus componentes se

ECO-REBEL

adaptam de modo constante às novas situações. Mesmo encarado holisticamente, todo ecossistema está em constante interação com os ecossistemas circundantes, ou seja, ele é aberto ou poroso, recebendo matéria, energia e informação deles e enviando-as a eles. Do ponto de vista da relação da população com o ecossistema, sabemos que é importante se fazer sempre reciclagem dos recursos disponíveis a fim de garantir sua sustentabilidade, o que é exigido por uma visão de longo prazo. Temos ainda interações harmônicas que, quando forem intraespécies, desembocam na harmonia, outro conceito fundamental na linguística ecossistêmica para que a ecologia da interação comunicativa funcione com um mínimo de ruídos possível.

As características da linguística ecossistêmica apontadas foram: ecossistema, visão ecológica de mundo e holismo; porém, por limitações de espaço do capítulo elaborado para a coletânea, os autores advertem os leitores que as demais não foram discutidas, tais como interação, diversidade, abertura ou porosidade, adaptação, caráter dinâmica e visão de longo prazo. Outro aspecto notável trazido à tona pelos ecolinguistas neste capítulo é como as três disciplinas linguísticas tratam das relações entre ‘língua x espaço’. Da dialetologia e da sociolinguística surgiram os conceitos de ‘padrão’ e ‘não padrão’, de ‘pluricentrismo’, entre outros. Mas, mesmo com os avanços teóricos dessas disciplinas, que acabaram por superar o conceito de ‘certo x errado’ na fala das pessoas. No entanto, para a linguística ecossistêmica nem os conceitos de “padrão” “pluricentrismo” são os mais adequados; no caso, prefere-se falar em “acentrismo”. Qualquer comunidade pode ser considerada o centro linguístico (o ecossistema) a ser estudado. Finalmente, é enfatizado que a linguística ecossistêmica e, por sua vez, a ecolinguística em geral não são apenas novas ou diferentes maneiras de se estudar a língua. Na verdade, trata-se de uma nova forma de se encarar a língua, vendo-a em suas relações com os demais elementos do ecossistema, como os falantes, os territórios distintos, bem como os ecossistemas circundantes. A visão ecológica de mundo não é apenas uma nova maneira de se encarar a língua, mas também uma nova forma de se encarar a realidade. Assim, este capítulo da coletânea traz uma contribuição importante aos estudos ecolinguísticos, por tratar da relação da ecolinguística com outras disciplinas da linguística, bem por apresentar sua definição e seu plano de estudos, visando divulgá-la para a comunidade científica e os linguistas. O que torna também o capítulo válido é o fato de os autores estarem cientes de que ao trazerem uma nova maneira de se encarar tanto a ciência linguística, como o mundo, encontrarão certa resistência ou desconfiança.

Gian Luigi De Rosa (Universidade do Salento, Itália) em seu texto “Sujeito pleno e sujeito nulo na fala filmica brasileira contemporânea” deixa claro já no título do que trata sua pesquisa. Basicamente, são selecionados dez filmes brasileiros, que englobam um período

de 1996 a 2013, que reproduzem a ‘fala’ carioca e, nessas ‘falas’, o autor verifica a realização do sujeito nulo e sujeito pleno, seguindo a metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana. O autor observa alguns fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem o aparecimento do sujeito nulo, que são os mesmos já apontados em pesquisas anteriores para diferentes variedades do português falado no Brasil. Finalmente, como conclusão, mostra que o português brasileiro estudada está passando de uma variedade *pro-drop* para não *pro-drop*. Este estudo de certa forma apresenta pouca contribuição para a pesquisa linguística, já que há uma série de pesquisas de sociolinguística quantitativa das mais diversas variedades faladas no Brasil. Ele nem ao menos justifica a escolha do *corpus* como sendo a fala de filmes brasileiros, nem apresenta uma discussão (que seria original) sobre a validade do emprego de dados linguísticos existentes em obras de arte (seja cinema, música, teatro ou literatura) para a pesquisa linguística. O capítulo apresenta uma fundamentação teórica de qualidade, chegando a citar a obra de Duarte (2012) que, além de ser uma especialista nos estudos sobre sujeito pleno/sujeito nulo, apresenta na obra citada uma coletânea de estudos sobre o sujeito em textos de peças teatrais da primeira metade do século XIX até início do século XX. O período abordado na obra editada por Duarte se justifica exatamente pelo fato de que nele não há outra documentação, a não ser a escrita, para ser feita a pesquisa linguística de natureza diacrônica. Porém, isso não se justifica para o estudo conduzido neste capítulo, pois o autor poderia ter conduzido uma pesquisa de campo própria (para a fala carioca atual) ou ter recorrido às publicações reconhecidas da área para a fala carioca de décadas anteriores. Em seguida, encontra-se o capítulo de Elena Ortiz-Preuss (UFG) e Cristina Sanz (Universidade de Georgetown, Estados Unidos), intitulado “Aquisição de segunda língua: interação entre variáveis externas e internas”. Esse texto traz uma contribuição valiosa para os estudos linguísticos ao procurar ir além das teorias e modelos de aquisição de L2, levando em conta fatores individuais no processo de aquisição tardio de L2, sendo que tais fatores geralmente não são contemplados nos principais modelos e teorias linguísticas. Assim as linguistas afirmam que “considerando que as diferenças individuais afetam fortemente a aquisição tardia de línguas, o objetivo deste capítulo é discutir a interação de variáveis individuais (internas) e contextuais (externas) no processo de aquisição de L2” (p. 122). Antes de iniciarem seu estudo sobre as variáveis, as autoras fornecem um breve panorama das principais teorias linguísticas de aquisição de L2. A partir daí, são discutidas as variáveis: “As variáveis internas correspondem às

características pessoais denominadas na literatura como diferenças individuais (doravante DIIs) e as variáveis externas se relacionam com as características contextuais onde o processo de aquisição de L2 ocorre” (p. 125). Para as primeiras, são discutidas principalmente a aptidão e a idade. Para as segundas, são apontados “contexto de aquisição (formal ou informal), qualidade e quantidade de *input*, interação, tipos e modos de intervenção pedagógica (tipos de exposição ao *input*, de prática e de *feedback* utilizados)” (p. 127). As linguistas encerram o capítulo enfatizando tanto a importância das DIIs na aquisição de L2, quanto a necessidade de mais pesquisas sobre o tema, já que no Brasil as pesquisas sobre aquisição ainda são escassas.

O último texto da coletânea é “Os processos formais e não formais de saberes e práticas dos akwén-xerente (jê) na escola indígena”, escrito por Sinval Martins de Sousa Filho (UFG). Esse capítulo não deixa de ter interesse para a ecolinguística, pois acaba por ser um estudo interdisciplinar, versando sobre etnolinguística e linguística aplicada, além dos dados linguísticos coletados pelo próprio autor, que já vem há décadas conduzindo sua pesquisa com os akwén-xerente, chegando a fazer uma descrição gramatical da língua em sua tese de doutorado (SOUSA FILHO, 2007). Vemos aqui também a presença da linguística descritiva. Aqui o linguista analisa, por meio da etnografia da comunicação, “como são concebidos os processos formais e informais da educação Xerente e de que forma esses processos são trabalhados na educação escolar para esse povo indígena” (p. 136). São apontadas uma série de informações e descrições etnográficas do povo Xerente para, em seguida, ser analisada a escola indígena em território Xerente, escola que está em desacordo com a cultura desse povo. Com isso, o autor conclui que mesmo com certos avanços e garantias da educação escolar indígena, “a escola nas aldeias Xerente, infelizmente, ainda não é uma escola indígena. É uma escola para os indígenas” (p. 150). A coletânea de artigos que foi resenhada aqui é válida e recomendável aos estudantes, professores e pesquisadores das diversas áreas da linguística por diversos fatores, sendo o principal deles o de que o leitor terá em mãos estudos atualizados, bem como de que novos rumos a pesquisa linguística está tomando em nosso país. O que chama atenção também são os textos de linguística aplicada, devido à utilidade que essa disciplina tem para o cenário do ensino brasileiro atual, podendo trazer discussões, reflexões, propostas e mudanças a ele. Na mesma linha de raciocínio, os capítulos de ecolinguística são importantes com o intuito de divulgar essa disciplina que ainda é um pouco desconhecida ou encarada de maneira equivocada, mas que vem apresentando avanços significativos

em suas pesquisas e conquistando paulatinamente um público maior de estudantes e pesquisadores em nosso país.

Referências:

ALBUQUERQUE, Davi B. Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística. *Via Litterae*, v. 07, p. 131-142, 2015.

ALBUQUERQUE, Davi B.; SCHMALTZ NETO, Genis F. A s contribuições das ciências cognitivas para ecolinguística. *ECO-REBEL. Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 02, n.01, p. 106-121, 2016.

BASTARDAS I BOADA, Albert. Language policy and planning as an interdisciplinary field: towards a complexity approach. *Current Issues in Language Planning*, vol. 14, n. 3-4, p. 363-381, 2013a.

_____. Sociolinguistics: Towards a Complex Ecological View. In: MASSIP-BONET, A.; BASTARDAS-BOADA, A. (eds.). *Complexity perspectives on language, communication and society*. Berlin: Springer, 2013b. p. 15-34.

_____. General Linguistics and Communication Sciences: Sociocomplexity as an Integrative Perspective. In: MASSIP-BONET, A.; BASTARDAS-BOADA, A. (eds.). *Complexity perspectives on language, communication and society*. Berlin: Springer, 2013c. p. 151-173.

_____. Towards a complex-figurational socio-linguistics: Some contributions from physics, ecology and the sciences of complexity. *History of the Human Sciences*, v. 27, n. 03, p. 55-75, 2014a.

COUTO, Hildo H. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, p. 275-312, 2013.

_____. Linguística Ecosistêmica. *ECO-REBEL. Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 39-62, 2015.

COUTO, Elza K. N. N.; ALBUQUERQUE, Davi B. Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico-metodológica. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, p. 485-509, 2015.

DUARTE, Maria Eugenia L. (Ed.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1922)*. Estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola, 2012.

HALLIDAY, M. A. K. New Ways of Meaning. The Challenge of Applied Linguistics. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.) *The Ecolinguistic Reader*. Language, Ecology and Environment. Londres/ Nova York: Continuum, 2001. p. 175-202.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

PEDERSEN, Sarah B.; STEFFENSEN, Sune V. Temporal dynamics in medical visual systems. *Cybernetics & Human Knowing*, v. 21, n. 1-2, p. 143-157, 2014.

SOUSA FILHO, Sinval M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwén Xerente (Jê)*. 2007. Tese (Doutorado) – UFG, Goiânia, 2007.

ECO-REBEL

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 3, n. 1, 2017.